

OS
MELHORES
CONTOS
ZEN

OS
MELHORES
CONTOS
ZEN



Introdução

Tal como as piadas só têm graça se provocarem a instantânea percepção de um determinado ponto de vista (se precisam de ser explicadas, não atingem o seu objetivo humorístico), os «contos zen» apontam para a essência da mente, para uma observação direta do «ser real e sem situação», para a «natureza original» de cada um.

Segundo a tradição, o zen terá sido transmitido pelo Buda; levado da Índia para a China pelo Bodhidharma, no século VI, e depois para o Japão, no século XII. Na China, o zen era conhecido como *chan*. E os mestres *chan*, em vez de serem seguidores do Buda, aspiravam a ser seus amigos e a colocarem-se na mesma relação que o Buda tinha com o Universo.

Estes contos, que a Alma dos Livros agora apresenta ao público, relatam experiências reais de professores zen chineses e japoneses ao longo de vários séculos. Na sua maioria, foram escritos no período da dinastia Tang (618–906). Aqui se incluem as histórias compiladas numa obra chamada *Shaseki-shu* (*Coletânea de Pedra e Areia*), de finais do século XIII, pelo mestre zen japonês Muju («o que não reside»), e outras, de monges zen retiradas de vários livros publicados no Japão.

Apontam para um ensinamento espiritualmente radical, sem escrituras além das palavras, dos conceitos e definições, totalmente focado no alcance da consciência interior. Nestes textos, o leitor encontrará uma constante proposta de uma plena tomada de consciência subjetiva, sem a qual a percepção e a ação objetivas são vacuidades, desprovidas de sentido.

As obras exteriores não são tidas em conta como indicadores de méritos interiores, tal como nos dá conta a lenda sobre o encontro do Bodhidharma com o imperador chinês Wu-Ti, conhecido mecenas e protetor do budismo, construtor de mosteiros e dedicado à propagação destes ensinamentos. Quando Wu-Ti interroga o Bodhidharma sobre o mérito espiritual das suas obras, este responde-lhe, simplesmente: «Nenhum.»

O zen coloca como elemento central o conflito entre a lógica intelectual do pensamento discriminante e a lógica do pensamento espiritual, vivo. Focado na experiência. O caminho zen, de autodescoberta, autoconhecimento e transformação, não se deixa definir. Eis as palavras do patriarca budista chinês Huang Mei, do século VI:

O nosso método é a ausência de qualquer método. O que descrevemos como método é, na realidade, a ausência de método. Não precisamos de fazer nada de especial para chegar à meta; e um método que nada tem de especial é sempre o verdadeiro método. Isto significa que a aplicação do verdadeiro método é não aplicar nada em especial.

Outro fator fundamental é a eliminação da dicotomia entre meta e caminho: não há meta, só há caminho. Só no centro cessam o movimento e o tempo. Fora do centro, tudo é cíclico, e por isso nunca tem fim. E, não tendo fim nem princípio, não tem meta. Mas isto permite viver cada ponto como um todo e tornar realidade a omniconsciência a partir de qualquer parte. É como contemplar todo o Universo numa chávena de chá.

Rui Lomelino de Freitas

1.

Uma chávena de chá

O mestre Nan-In recebeu a visita de um professor universitário e este fez-lhe perguntas sobre o zen.

O professor iniciou um longo discurso, marcado pela dúvida.

Enquanto isso, Nan-In servia calmamente o chá. Encheu a chávena da visita até ao rebordo. E continuou a enchê-la, fazendo-a transbordar.

O professor, ao reparar que o chá se derramava, não pôde conter-se:

— Já está cheia. Não cabe mais!

— Tal como esta chávena — disse Nan-In —, estás cheio das tuas próprias opiniões e especulações. Como te poderei demonstrar o zen, se não esvaziares primeiro a tua chávena?

2.

Que doce era o seu sabor!

Um homem que estava a atravessar um campo deparou-se com um enorme tigre. Fugiu, ante a perseguição da fera. Chegou a um precipício e, para não cair, agarrou-se à raiz de uma árvore. Acima da sua cabeça, o tigre cheirava-o. A tremer, o homem olhou para baixo e viu que, lá ao fundo, havia outro tigre à espera de o ver cair para o devorar. Só a raiz da árvore o sustinha.

Dois ratos, um branco e outro preto, começaram, fibra a fibra, a roer a raiz da árvore. O homem viu um apetitoso morango ao pé de si. Ficou suspenso na raiz da árvore com apenas uma das mãos e colheu o morango com a outra.

Que doce era o seu sabor!

3.

Encontrar um diamante numa estrada lamacenta

Gudo era o professor do imperador do seu tempo. No entanto, costumava viajar como os mendicantes. Certa vez, a caminho de Edo, o centro cultural e político do xogunato, aproximou-se da pequena aldeia de Takenaka. Era de noite e caía um forte aguaceiro. Gudo estava encharcado. As sandálias de palha desfaziam-se-lhe já sob os pés. Numa quinta próxima da aldeia, reparou em quatro ou cinco pares de sandálias expostas e decidiu comprar umas secas.

A mulher que lhe ofereceu as sandálias, vendo-o tão encharcado, convidou-o a passar a noite em sua casa. Gudo aceitou e agradeceu-lhe. Entrou e recitou um sutra ante o santuário da família. Foi então apresentado à mãe da sua anfitriã e aos seus filhos. Observando que toda a família estava deprimida, Gudo perguntou-lhes o que se passava.

— O meu marido é um jogador e um bêbedo — disse-lhe a dona da casa. — Quando ganha, bebe e torna-se agressivo. Quando perde, pede dinheiro emprestado. Por vezes, estando completamente embriagado, nem sequer volta para casa. Que posso eu fazer?

— Eu ajudo-te — disse Gudo. — Aqui tens algum dinheiro. Traz-me um galão de vinho fino e algo de bom para comer. Podes depois retirar-te. Eu vou meditar diante do santuário.

Quando o homem da casa regressou, por volta da meia-noite, ébrio como sempre, gritou:

— Eh, mulher, estou em casa! Há alguma coisa para comer?

— Tenho uma coisa para ti — disse Gudo. — Fui apalhado pela chuva e a tua mulher convidou-me gentilmente a passar aqui a noite. Em troca, comprei-lhe vinho e peixe. Podes ficar com eles.

O homem ficou encantado. Bebeu imediatamente o vinho e deitou-se no chão. Gudo sentou-se a meditar ao seu lado.

De manhã, ao acordar, o homem já se tinha esquecido da noite da véspera.

— Quem és tu? De onde vens? — perguntou a Gudo, que ainda meditava.

— Sou Gudo, de Quioto, e estou a caminho de Edo — respondeu o mestre zen.

O homem ficou completamente envergonhado e pediu desculpa ao professor do imperador.

Gudo sorriu.

— Tudo nesta vida é impermanente — explicou. — A vida é muito curta. Se continuares a jogar e a beber, não terás tempo para fazer mais nada e levarás também a tua família ao sofrimento.

A percepção do marido fê-lo acordar como que de um sonho.

— Tens razão — declarou. — Como te posso recompensar por este ensinamento maravilhoso? Deixa-me acompanhar-te e levar as tuas coisas até um pouco mais longe.

— Se o desejares — concordou Gudo.

Os dois puseram-se a caminho. Depois de terem percorrido três quilómetros, Gudo disse-lhe que voltasse.

— Só mais cinco quilómetros — implorou o homem.

E continuaram a andar.

— Podes regressar agora — sugeriu Gudo.

— Só ao fim de mais dez quilómetros — respondeu o homem.

— Regressa agora — disse Gudo, quando já tinham passado os dez quilómetros.

— Hei de seguir-te para o resto da minha vida — declarou o homem.

A linhagem dos mestres zen contemporâneos remonta a um famoso mestre, sucessor de Gudo. Era Munan, «o homem que nunca regressou».

4. Ai sim?

O mestre zen Hakuin era elogiado pelos vizinhos como alguém que vivia uma vida pura. Perto da sua casa, vivia uma bela jovem cujos pais eram donos de uma loja de produtos alimentares. De repente, sem qualquer aviso, os progenitores descobriram que estava grávida. E ficaram zangados. A filha não quis confessar quem era o progenitor, mas, depois de muita pressão, acabou por dizer um nome: Hakuin.

Tomados de grande raiva, os pais foram ter com o mestre para o acusar.

— Ai sim?

Foi tudo o que o ouviram dizer.

Depois de a criança ter nascido, foi levada e entregue a Hakuin. Por essa altura, já tinha perdido a reputação, o que não o incomodava, mas cuidou muito bem do recém-nascido. Os vizinhos davam-lhe leite e tudo de que a criança precisava.

Um ano volvido, a jovem mãe não aguentou. Contou a verdade aos pais — que o verdadeiro progenitor da criança era um rapaz que trabalhava no mercado do peixe.

A mãe e o pai da rapariga foram imediatamente ter com Hakuin para lhe pedir perdão e dizer-lhe que lhes devolvesse o bebé.

Hakuin estava disposto a isso. Ao entregar-lhes a criança, tudo o que disse foi:

— Ai sim?

5. Equanimidade

A quando das guerras civis no Japão feudal, um exército invasor podia facilmente dizimar povoações inteiras e conquistar o controlo de qualquer cidade. Numa vila, todos fugiram apavorados quando souberam que um grande general, famoso pela sua fúria e crueldade, se aproximava — todos, exceto um mestre zen que vivia nas redondezas.

Quando o militar chegou à vila, os batedores já o tinham informado de que já lá não estava ninguém, além do monge. O general rumou então ao templo, curioso por saber quem seria o tal homem. Quando lá chegou, o monge não o recebeu com a normal submissão e terror com que estava habituado a ser tratado por todos. O que o levou à fúria.

— Imbecil! — gritou, enquanto desembainhava a espada. — Não percebes que estás diante de um homem que te pode trucidar num piscar de olhos?

Mas o mestre permaneceu completamente tranquilo.

— E tu percebes — replicou ele calmamente — que estás diante de um homem que pode ser trucidado num piscar de olhos?